

Ícones do design carioca

‘uma cidade é feita não só de sua paisagem natural, mas também de sua paisagem construída e dos objetos ali gestados, como os móveis de sergio rodrigues e a calçada de copacabana, no rio’

Não importa o tema que eu esteja tratando, o tipo de plateia, o país ou o interlocutor. O fato é que em nove entre dez palestras ou entrevistas que dou o questionamento surge: qual é a identidade do design brasileiro? Respondo invariavelmente que num país de dimensões continentais como o Brasil, com diferenças regionais tão acentuadas, é impossível falar de identidade no singular, sob o risco de cairmos em estereótipos rasos que não nos levarão a lugar algum. Melhor acrescentar um “s” a esse substantivo e reconhecer, assim, que cada região tem as suas características próprias, que se refletem no design ali praticado.

Nesta edição dedicada ao Rio de Janeiro, num olhar abrangente sobre as características do design carioca, alguns protagonistas surgem com força. Para puxar a fila, não poderíamos falar de outro senão Sergio Rodrigues, o primeiro designer de nosso país a procurar, deliberadamente, expressar a identidade brasileira em suas criações. Mais do que de um país genérico, a meu ver ele foi o tradutor, no móvel, do modo de viver que despontou no Rio nos anos dourados de 1950 e 60 – momento de revolução dos costumes, de bossa nova, de cinema novo, de esperança. A informalidade no sentar a que a poltrona Mole convida e os geniais desenhos em que o designer se autorretrata “refestelado” na poltrona só poderiam surgir nesse contexto. O adjetivo foi (bem) sacado pelo jornalista Sérgio Augusto ao escrever que “na poltrona Mole não se senta, refestela-se”. Refestelo, no dicionário, é “festa alegre, folgança, folia” – qualidades que combinam à perfeição com o bom humor e o jeito brincalhão de Sergio Rodrigues, expresso também nas poltronas Chifruda e Xibó.

Outro ícone do design que vem do Rio é a calçada de Copacabana. As ondas estavam representadas no design de superfície das calçadas dessa praia desde 1904, quando o então prefeito Pereira Passos abriu a avenida Atlântica. Ele trouxe de Portugal tanto o calçamento em mosaicos quanto o desenho presente nas calçadas da Portugal Imperial, que, afirma-se, representava a união do rio Tejo com o mar. Setenta anos mais tarde, o então prefeito Negrão de Lima decidiu aterrar Copacabana e encomendou a Roberto Burle-Marx um novo desenho para as calçadas. O paisagista, artista plástico e designer projetou uma composição abstrata com as ondas posicionadas paralelas ao mar, que logo se

tornou um signo do que o design pode fazer para reforçar a beleza de uma cidade.

Passando à nova geração e ao design industrial, citação obrigatória é o ventilador Spirit, projeto de 2001 da Índio da Costa A.U.D.T.. O projeto levou para um segmento que até então estava estagnado num visual anacrônico uma paleta de cores que os designers Guto Índio da Costa e Martin Birtel chamaram então de “divertida” e as formas aerodinâmicas resumidas a duas pás apenas, feitas de policarbonato. Esse produto se tornou um dos mais bem-sucedidos comercialmente do design autoral brasileiro. Estima-se que já foram vendidos mais de 600 mil exemplares. O Spirit acumulou ainda seis premiações no Brasil e no exterior.

No imaginário carioca um produto banal que marca presença é o biscoito de polvilho Globo, que mantém sua embalagem – e sua fórmula – desde 1954, quando foi criado. Ao lado dos vendedores de mate, os de biscoito fazem parte da paisagem das praias cariocas – a tal ponto que, em períodos de chuva, a produção diminuía ou parava, pois seu consumo estava associado ao sol e à densidade populacional nas areias. Recentemente o produto se descolou do mercado local e passou a ser vendido em outras cidades.

Alguns desses projetos estiveram na exposição Ícones do Design – França/Brasil, apresentada no Paço Imperial, no Rio, e no Museu da Casa Brasileira, em São Paulo, em 2009, de que fui cocuradora, em conjunto com o crítico francês Cédric Morisset. Alguns estiveram também na mostra que o curador Tulio Mariante realizou na Bélgica em 2011, no festival Europalia. Do ponto de vista de um carioca militante como ele é, Tulio escolheu a alegria como tema de sua exposição.

Esses projetos mostram que a identidade de uma cidade é feita não só de sua paisagem natural, mas também de sua paisagem construída e dos objetos ali gestados. É por essas e outras que, apesar de toda a violência e das mazelas, o Rio de Janeiro realmente continua lindo!

